



Análise hermenêutica fenomenológica da terceira homilia sobre a incompreensibilidade de Deus de São João Crisóstomo

Pedro Verran dos Santos Pimentel¹

Resumo: Pretende-se brevíssima análise sobre as concepções de Crisóstomo em relação aos limites da linguagem e aos tipos de discurso que podem comunicar a Deus.

Palavras-chave: João Crisóstomo. Fenomenologia. Hermenêutica. Linguagem. Teologia negativa.

INTRODUÇÃO

Quando mencionamos fazer uma análise fenomenológica, que quer dizer isso? Se tomarmos algumas teses gerais do que foi chamado de fenomenologia a partir das reflexões de Edmund Husserl, poderíamos afirmar que um dos principais pressupostos, no geral, dessa corrente é o da irreducibilidade dos fenômenos, quer dizer, da irreducibilidade dos entes que se manifestam às suas características particulares e subsistentes. Para assumir tal irreducibilidade, deve-se também assumir dois âmbitos em que os fenômenos se manifestam: um para “abri-los” e outro para “fecha-los”; uma perspectiva epifenômenica em que os entes se encontram reduzidos aos atributos e outra, fenomênica, em que eles só podem ser comunicados mediante outro discurso que não seja o meramente atributivo. A fenomenologia, devemos recordar, em algum grau, é um método, ou seja, uma via possível de consideração sobre os entes, o qual desenvolveu seu instrumental mais rigoroso em determinados pensadores na Alemanha do século XX. Por outro lado, também recordemos, os motes principais que condicionam o discurso fenomenológico, como o da diferenciação ontológica através do discurso, atravessam, mesmo que não tematizados, as preocupações de diversos outros pensadores na história pregressa ao surgimento do termo. Isso não se dá por mero acaso se tomarmos outro pressuposto fundamental da fenomenologia: a via antropológica. Afinal, como surge essa diferenciação, em que ela se funda e como pode-se dizer que os entes “aparecem” de tal e tal modo? Apenas se tomarmos a pessoa como fonte e suporte dessa diferenciação. De certo modo, não é preciso ser filósofo nem fenomenólogo para ter alguma experiência dessa

¹ Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). E-mail: pedroverran@id.uff.br.

diferença. A experiência humana com as coisas e com seus semelhantes nos obriga a saber diferenciá-las nos seus diversos sentidos: há a coisa para o culto, para a casa, para outra pessoa, para o trabalho e assim por diante. O que diferencia a pessoa comum do filósofo é grau e rigor de tematização desses pressupostos universais, mas quanto mais profunda e rigorosamente se tematiza esses pressupostos, mais se encontra aspectos compartilhados com todos os outros que não tematizam. Assim, quando lemos um autor antigo que parece refletir como um fenomenólogo não é apenas mera obra do acaso, mas por reconhecimento de uma tendência interna que, quando posta à luz, leva à reflexão filosófica.

1 A “FENOMENOLOGIA” DE CRISÓSTOMO

1.1 A VISÃO RETÓRICA E OS LIMITES DA LINGUAGEM

É evidente que só começamos a olhar para esses autores com as “lentes fenomenológicas” após o desenvolvimento e divulgação dessa escola e, de certo, só poderíamos fazê-lo a partir dos pensadores contemporâneos que nos chamaram atenção a essa tendência. É importante deixar isso claro para afastar qualquer possível acusação de anacronismo ou desonestidade intelectual com o texto dos autores antigos; devemos assumir, assim, que os lemos através dessa lente e que certos desenvolvimentos daquele autor nos aparecem de tal forma principalmente por causa dela. Portanto, é encarando a fenomenologia como a irreducibilidade dos entes na diferenciação do discurso que tentaremos enxergar como um autor antigo encara o problema.

O autor escolhido para a fala em questão foi São João Crisóstomo, Padre da Igreja grega especialmente influente na tradição oriental do catolicismo ortodoxo, mas que possui importância na história da patrística como um todo. Crisóstomo teve por fama e profissão de fé a pregação das homilias, nas quais utilizava o seu especial talento retórico. Essa última informação é importante, porque nos diz sobre os principais meios de apresentação do seu pensamento. Como retórico e pregador, preferia o uso das imagens e a elaboração de seus significados do que o discurso dialético e dedutivo dos conceitos fixos. De certo modo, podemos dizer que prefere o discurso mítico ao propriamente filosófico, se compreendermos “mítico” de forma parecida a que Platão o fez, ou seja, não como um substituto dos fenômenos naturais, mas como o único discurso possível para expressar o que não pode mais ser dito ao modo da descrição e atribuição que a dialética faz; o mito é, então, o além da aporia.

O que nos chama a atenção em algumas das homilias de Crisóstomo é sua autoconsciência do porquê utiliza-se da linguagem mítica-profética, mostrando que não as utiliza meramente como artifício da oratória, mas para comunicar melhor a palavra de Deus. Essas considerações podem ser encontradas nas suas homilias sobre a incompreensibilidade de Deus, ou *περί ακαταλήπτου* (*perí akataléptou*). Nelas, o orador reflete sobre as possibilidades de enunciar aquilo que não pode ser enunciado, ou melhor, não pode ser dito na forma de um enunciado, o que não quer dizer que não possa ser dito de qualquer maneira. O que preocupa São Crisóstomo é o caminho a ser seguido pela palavra, em que seja possível falar

de Deus e das coisas divinas sem loucura, μανία (*manía*) e demência, ἀπόνοια (*apónoia*) (CHRYSTOSTOME, 1970, p. 192-193), caminho seguido por aqueles que não admitem que Deus é inexprimível, ἀνέκφαστον (*anékfaston*), inconcebível, ἀπερινόητον (*aperinóeton*), invisível, ἀόρατον (*aóraton*), e incompreensível, ἀκατάληπτον (*akatálepton*); que ultrapassa as possibilidades da língua humana (CHRYSTOSTOME, 1970, p. 190-191).

1.2 OS LIMITES DA LINGUAGEM COMO SUA SUPERAÇÃO

O problema linguístico aparece como questão, no entanto, devemos notar que a linguagem é limitada a partir de seus termos e suas construções conceituais próprias, mas, apesar disso, ainda é a porta de entrada para a verdade revelada, desde que seja uma linguagem que não procure positivamente algo disponível, mas indisponível. Assim, o Boca de Ouro ainda quer *falar* sobre Deus, invocando-o, καλέω (*kaléo*) e através da oração, εὐχή (*eukhé*) que remete aos textos sagrados. Essa distinção é tão marcante que nem mesmo as realidades angélicas, de maior valor e intelecto, poderiam conhecer Deus segundo sua essência, οὐσία (*ousía*), pois até mesmo elas se velam, καλύπτουσιν (*kalýptousin*) para Deus (CHRYSTOSTOME, 1970, p. 212-213). As Virtudes e os Anjos são aquilo que seus nomes significam: σοφία (*sofía*): a “sabedoria pura” e ἄγγελος (*ággelos*), “mensageiros” (*Ibid.* p. 212-213) Nessas realidades, há um completo isomorfismo da palavra e da existência, o que não há tanto no humano, quanto em Deus, por isso permanecem afastados de ambos. Apenas na linguagem humana, por mais que seja limitada e finita, pode haver revelação, ἀποκάλυψις (*apokálypsis*), enquanto para as Virtudes e Anjos, o velar-se, καλύπτουσιν (*kalýptousin*).

A linguagem humana pode encarar seus próprios limites sem saber se há algo para além deles. Em outras palavras, a linguagem humana é a única que pode negar-se constantemente na sua função primordial de indicar coisas, de produzir significado e adequá-lo em síntese ao que indica. Podendo negar-se a si própria, ela enxerga aquilo que não-é, sem sê-lo. A teologia negativa se apoia principalmente nesse aspecto *sui generis* da linguagem humana. Desse modo, Crisóstomo nos chama atenção a uma passagem de Paulo que torna explícita a compreensão desse limite: “O Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu nem pode ver” (1Tm 6, 15-16 in CRISÓSTOMO, 2007, p. 53). Elogia Paulo por ter preferido dizer que habita uma luz *inacessível*, ἀπρόσιτος (*aprositos*), em vez de *incompreensível*, ἀκαταληπτός (*akataleptós*), pois

De fato, diz-se que algo é incompreensível quando os que o examinam não conseguem apreendê-lo, apesar das pesquisas e buscas. Inacessível, porém, é o que desde o início se furta a qualquer investigação, sequer permite aproximação. (CRISÓSTOMO, 2007, p. 55)

O Padre deixa claro que não encara a insuficiência do discurso como falha quantitativa, como mera falta de atributos à mente, mas que essa se dá a partir da diferença qualitativa que há entre humano e Deus. Não é a finitude temporal por si só que limita a linguagem humana, mas a própria natureza da linguagem limita a finitude. “ἀκαταληπτός” (*akataleptós*) é o negativo de “καταληπτός” (*kataleptós*), que significa literalmente agarrar ou segurar algo. A linguagem se determina a partir do poder de “segurar” algo disponível e esgotar-se nesse algo, sem que a própria linguagem entre em questão. Dessa forma, ela é apenas um instrumento, um meio de manipular o redor segundo nossas próprias necessidades. Entretanto, quando a linguagem nega a si própria, ela se volta para o âmbito do sentido, o qual é irreduzível a qualquer coisa que foi “agarrada” em seus atributos. O sentido nunca se fecha em visões determinadas; não à toa, Crisóstomo, após Paulo, recorre às visões dos profetas para indicar o sentido em que se deve encarar a linguagem.

Para cada profeta, existe toda uma cadeia de significados diferentes para indicar a inacessibilidade de Deus. Em Isaías, é Deus sentado em trono alto, cercado de Serafins (Is 6,1-2); em Daniel, é o Anjo revestido de *Baddis* e de ouro puro de *Orphaz*, com o corpo aparecendo como os tesouros de *Tarsis* (Dn 10,5-8). O trono de Isaías não é um assento destinado aos líderes, feito de madeira e outros materiais, mas o sentido simbólico da superioridade de Deus, o qual não comunica o que é intuitivamente, mas apenas segundo o sentido do discurso. Também o anjo de Daniel recebe o nome de objetos próprios de seu contexto cultural, mas nenhum de nós, leitores contemporâneos, precisa saber *o que é* um *Baddis* ou onde fica *Orphaz*, pois, de antemão, sabemos que essas palavras, para além de sua redução ao contexto intuitivo, são símbolos que transbordam o sentido de magnanimidade e maravilhamento, assim como quando ouvimos uma pessoa falar uma língua que desconhecemos o significado das palavras, mas sabemos que elas assumem algum sentido.

CONCLUSÃO

Assim, conclui Crisóstomo: “A oração vem em primeiro lugar, em seguida a palavra (...)” (CRISÓSTOMO, 2007, p. 63). A oração é uma certa disposição da linguagem que diz mais do que a palavra e reconhece seus próprios limites. Ela é também superior à linguagem comum, não apenas pelo modo de seu discurso, mas pela situação em que ela deve ser exortada. Segundo o Padre grego, as orações são preces comuns, ou seja, feitas em comunidade, em um momento de afastamento dos negócios mundanos (*Ibid.* p. 65). O afastamento dos negócios também é o afastamento da pobreza simbólica da linguagem. Nos afazeres comuns, o literal é tomado como critério e objetivo geral da comunicação e as coisas são vistas a partir de seus atributos e utilidade. Na linguagem “afastada” da oração, o simbólico assume um sentido para além da mera metáfora, mas manifesta aquilo que é próprio da linguagem, que é ver para além de si mesma, a qual permite-se conclamar o que, já desde sempre, não pode acessar.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CRISÓSTOMO, João. *Da incompreensibilidade de Deus; Da providência de Deus; Cartas a Olímpia*. Trad. Mosteiro de Maria Mãe do Cristo. São Paulo: Paulus, 2007. – Coleção Patrística.

CHRYSTOSTOME, Jean. *Sur l'incompréhensibilité de Dieu*. Tome I. Trad. Robert Flacelière. Paris: Les Éditions du Cerf, ²1970. (Sources Chrétiennes).

Artigo recebido em 14.10.2025 e aprovado em 11.11.2025

Pedro Verran dos Santos Pimentel: Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), participa, desde 2021, das ações de estudos e pesquisas do Laboratório de Fenomenologia (LAFE). Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0931-7034>. E-mail: pedroverran@id.uff.br.

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto, Belo Horizonte, MG. CEP: 31720-300.

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Daniel De Luca / Dr. Marco Heleno Barreto